

3 Sobre o inconsciente coletivo

3.1. Uma concepção apropriada e incompreendida por muitos

Já no primeiro parágrafo do texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, volume IX/1 de suas *Obras completas*, Jung reconhece que

a hipótese de um inconsciente coletivo pertence àquele tipo de conceito que a princípio o público estranha, mas logo dele se apropria, passando a usá-lo como uma representação corrente, tal como aconteceu com o conceito de inconsciente em geral. (JUNG, [1934/1954] 2000b § 1)

Esta *apropriação* e o *uso* do termo de uma forma abrangente nos sugere uma *compreensão* deste público do que é a concepção junguiana de inconsciente coletivo. Todavia, no mesmo livro, mas no texto *O conceito de inconsciente coletivo*, Jung afirma que “certamente nenhum de [seus] conceitos encontrou tanta incompreensão como a idéia de inconsciente coletivo” (JUNG, [1936] 2000b § 87).

Podemos sempre observar, nos textos de suas *Obras completas*, que Jung, a todo instante, busca tentar esclarecer suas idéias, sendo pródigo em analogias, exemplos e explicações. Igualmente, em suas cartas, procura sempre oferecer respostas didáticas e explicativas a todos os seus correspondentes. Sua postura, no que se refere à sua concepção de *inconsciente coletivo*, não é diferente. Assim, parece-nos estranha esta *incompreensão* que se queixa Jung.

Pode-se inferir que um dos fatores que contribuem para esta suposta ambigüidade entre a apropriação pública da concepção de inconsciente coletivo e, ao mesmo tempo, a dificuldade de compreensão desta mesma concepção, talvez sejam os contornos distintos e complexos que o próprio Jung verteu em torno deste termo.

Ao longo de sua obra, podemos notar que Jung lidou com a concepção de *inconsciente coletivo* com designações e aproximações analógicas diversas.

O capítulo V do texto *Psicologia do inconsciente*, do livro **Estudos sobre psicologia analítica** – volume VII de suas *Obras completas* –, recebe o nome de *O inconsciente pessoal e o inconsciente suprapessoal ou coletivo*. Numa passagem deste mesmo capítulo, apesar do título, Jung diz que “temos que distinguir o inconsciente pessoal do inconsciente *impessoal* ou *suprapessoal*” (JUNG, [1917/1943] 1978 §103). No mesmo livro, mas no texto *O eu e o inconsciente*³², aparece o termo “psique coletiva” (JUNG, [1928] 1978 § 235).

No texto *A psicologia do arquétipo da criança*, do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 de suas *Obras completas* –, antes de se referir diretamente ao inconsciente coletivo, fala “de um substrato anímico coletivo” (JUNG, [1940] 2000b §262). De forma semelhante, no texto *Comentário ao “Segredo da flor de ouro”*, do livro **Estudos alquímicos**, volume XIII de suas *Obras completas*, fala de um “substrato comum” da psique (JUNG, [1929/1957] 2003b §11).

No livro **Cartas I**, em correspondência ao *Dr. Kurt Plachte*, datada em 10/01/1929, Jung diz que “para meu uso particular chamo a esfera da existência paradoxal, isto é, o inconsciente instintivo, de *pleroma*, um termo tirado da gnose.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 76). O caráter particular com que utiliza o termo *pleroma* pode ser observado no livro **Memórias, sonhos e reflexões**, no primeiro sermão de *Septem Sermones ad Mortuos* (1916), que, inicialmente, foram escritos para “distribuir a pessoas amigas” (JUNG, [1961] 1996, p.332). Todavia, no texto da carta ao *Dr. Kurt Plachte* há uma nota, que não é de Jung, afirmando que “na literatura gnóstica, o *pleroma* (a plenitude) significa o universo espiritual como morada de Deus e o conjunto de forças divinas, emanções, tempos. Jung usa às vezes este conceito em analogia ao inconsciente coletivo.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p.78 nota 5)³³

Apesar de Jung dizer que utiliza o termo *pleroma* para seu uso particular, podemos encontrá-lo, em passagens de suas obras completas³⁴, em intrincadas analogias simbólicas.

³²Na tradução dos textos de Jung podemos observar também a utilização do termo *ego* e, por vezes, ao mesmo tempo, dos termos *ego* e *eu* (JUNG, [1944] 1991b §137). Todavia, como se verá adiante, optamos pela utilização do termo *eu*.

³³Não conseguimos depreender a autoria desta nota.

³⁴Exemplarmente, em **Psicologia da religião ocidental e oriental**, volume XI de suas *Obras completas*, em *Resposta a Jó* (JUNG, [1952] 1983 §§ 727, 733, 748 e 754); em **Estudos alquímicos**, volume XIII de suas *Obras completas*, nos textos *As visões de Zózimo* (JUNG,

No já citado texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, Jung se refere aos perigos do inconsciente coletivo, dizendo que

mal o inconsciente nos toca e já o somos, na medida em que nos tornamos inconscientes de nós mesmos. Este é o perigo originário que o homem primitivo conhece instintivamente, por estar tão próximo deste pleroma, e que é objeto de seu pavor. (JUNG, [1934/1954] 2000b § 47).

Em carta ao *Pastor Dr. Jakob Amstutz*, datada em 23/05/1955, no livro **Cartas II**, afirma que “a vida psíquica coletiva é fortemente influenciada pelas mudanças no ‘pleroma’ do ‘mundus archetypus’”(JUNG, [1946-1955] 2002, p.423).

Segundo Pieri, em seu **Dicionário junguiano**, pleroma é

um termo da literatura gnóstica, na qual ocorre em dois significados fundamentais: 1) como o conjunto de todos os espíritos ou éons [...] que, pelo fato de serem postos enquanto “complemento”, recobrem a distância entre o divino e a matéria; 2) como a totalidade da vida divina que, pelo fato de ser “plenitude”, recolhe em si todas as suas emanações. O termo figura na literatura junguiana em ambas as acepções [...]. (PIERI, [1998] 2002, p.386)

No livro **Cartas III**, na correspondência a *John Trinick*, datada em 15/10/1957, Jung aponta uma outra designação para inconsciente coletivo ao afirmar que “quanto mais jovem a pessoa, mais próxima está do inconsciente primordial com seus conteúdos coletivos” (JUNG, [1956-1961] 2003b, p.111).

Epistemologicamente, Jung tratou o inconsciente coletivo também como um objeto de contornos distintos. A este, atribui categorias como *hipótese*, *conceito*, *idéia*, *tese*, *suposição*, um *nome* para algo observável, que *deve existir* ou que *existe* indubitavelmente, mas que se apresenta de maneira difícil de se provar no cotidiano das pessoas *comuns*. Este amplo *leque epistemológico* pode ser notado em diversos textos de Jung, tanto em suas *Obras completas* quanto em suas cartas.

Assim sendo, podemos observar o *inconsciente coletivo* enquanto *hipótese* em seu texto *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico* – no livro **A dinâmica do inconsciente**, volume VIII de suas *Obras completas* –, em que Jung afirma que “a existência destes reguladores inconscientes – que eu às vezes chamo também de dominantes, por causa de sua maneira de funcionar – me parece tão importante, que baseei sobre eles minha hipótese de um inconsciente coletivo” (JUNG, [1947/1954]1984 § 403).

[1938/1954] 2003b §§ 116 nota 146); e em *A árvore filosófica* (JUNG, [1945/1954] 2003b pp. 316, 334 e 449).

No já citado texto *O conceito de inconsciente coletivo*, diz que “a hipótese do inconsciente coletivo é algo tão ousado como a suposição de que existem instintos” (JUNG, [1936] 2000b § 92).

Em carta ao *Prof. Pascual Jordan*, datada em 10/11/1934, Jung escreve que “no que se refere à hipótese do inconsciente coletivo, ainda não publiquei, nem de longe, todo o material” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 190).

No texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, coaduna dois termos, ao afirmar que “a hipótese de um inconsciente coletivo pertence [...] [a um] tipo de conceito”. (JUNG, [1934/1954] 2000b § 1)

Vemos o *inconsciente coletivo* enquanto *conceito* na carta a *Ladis K. Kristof*, datada em julho de 1956, em que Jung assevera que “a concepção de inconsciente coletivo não é um conceito filosófico, mas empírico” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.39).

Sobre o *inconsciente coletivo* apontado enquanto *idéia*, relembramos o trecho inicial do texto *O conceito de inconsciente coletivo*, em que Jung reúne também dois termos ao afirmar, que “nenhum de meus conceitos encontrou tanta incompreensão como a idéia de inconsciente coletivo” (JUNG, [1936] 2000b § 87)

Nesta mesma concepção, no texto *Fundamentos de psicologia analítica*, no livro **Vida simbólica I** – volume XVIII/1 –, Jung afirma que “a idéia de inconsciente coletivo é bastante simples” (JUNG, [1935] 1998 § 85)

Podemos observar o *inconsciente coletivo* enquanto *tese*, no texto *O conceito de inconsciente coletivo*, em que Jung afirma que “minha tese é a seguinte: à diferença da natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico [...] o inconsciente coletivo” (JUNG, [1936]2000b § 90).

O inconsciente coletivo enquanto uma *suposição* pode ser verificado no texto *Psicologia do arquétipo da criança*: Jung diz que existem “casos [...] tão numerosos que não podemos deixar de supor a existência de um substrato anímico coletivo. Designei este último por *inconsciente coletivo*.” (JUNG, [1940] 2000b § 262)

Enquanto apenas um *nome*, vemos, numa correspondência ao *Dr. Edward Bennet*, em 23/06/1960, que Jung afirma: “quando falo do inconsciente coletivo, não o considero um princípio, mas dou apenas um nome à totalidade de fatos

observáveis, isto é, os arquétipos. Não derivo nada disso, pois é apenas um *nomen*.” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 265).

No texto *O simbolismo da mandala* do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Jung assevera que “deve existir uma disposição inconsciente universalmente disseminada, uma disposição capaz de produzir em todos os tempos e lugares os mesmos símbolos, ou pelo menos, muito semelhantes entre si. [...] eu a designei inconsciente coletivo [...]” (JUNG, [1950] 2000b § 711).

No livro **A dinâmica do inconsciente**, no texto *Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos*, diz que “naturalmente, não é fácil provar, sem mais, a existência de um inconsciente coletivo em um indivíduo normal, mas de tempos em tempos aparecem representações mitológicas em seus sonhos.” (JUNG, [1920/1948] 1984 § 589).

Apesar de, epistemologicamente, usar denominações de contornos distintos para o inconsciente coletivo, em geral, Jung as usa cuidadosamente. Todavia, no texto *O símbolo da transformação na missa* do livro **Psicologia da religião ocidental e oriental** – volume XI de suas *Obras completas* –, afasta-se de uma posição mais cautelosa, ao tratá-lo como algo irrefragável, afirmando que “[...] não é fácil entender como se pode duvidar, ainda em nossos dias, da *existência*³⁵ do inconsciente coletivo” (JUNG, 1983 § 419).

3.2. O inconsciente

Entendemos que, antes de procurar compreender o que seria a concepção de inconsciente coletivo de Jung, deveríamos tentar compreender o que poderia ser o *inconsciente*, num sentido mais amplo, para este autor. Posteriormente, buscar entender que concebe o inconsciente em duas instâncias, isto é, *inconsciente pessoal* e, enfim, *inconsciente coletivo*.

Nesta perspectiva, ao buscarmos uma aproximação daquilo que seria a concepção de inconsciente para Jung, deparamo-nos com uma espécie de paradoxo, pois chama a atenção o fato de este autor atribuir, como uma de suas

³⁵Itálico nosso.

características, a incognoscibilidade. Neste sentido, em suas correspondências – em momentos e com interlocutores distintos – publicadas nos livros **Cartas I**, **Cartas II** e **Cartas III**, Jung indica esta particularidade de sua compreensão do inconsciente.

Em **Cartas I**, em 07/09/1935, em carta ao *Pastor Lic. Ernst Jahn*, Jung assevera que “eu nunca afirmei, nem acho que sei o que é, em última análise o inconsciente em si e para si. É a região desconhecida da psique.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 209)

Em **Cartas II** escreve, em 08/02/1946, ao *Pastor Max Frischknecht*, que “o conceito de inconsciente não *estabelece nada*, designa apenas meu *desconhecimento*.” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 15)

No mesmo livro, em 25/04/1952, numa carta ao *Dr. N. Kostyleff*, afirma que “não podemos estabelecer o que seja o inconsciente, exatamente porque é inconsciente”. (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 30)

Em **Cartas III**, em correspondência ao *Prof. Karl Schmid*, datada em 11/06/1958, Jung estabelece a equação “inconsciente = desconhecido” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.159). Em uma outra carta, *To Harold Lloyd Long*, datada em 15/11/1958, Jung escreve: “como diz o termo ‘inconsciente’, nós não o conhecemos” (idem, p. 175).

Mesmo com Jung se dizendo, em correspondência a *Alwine von Keller*, em 02/01/1949, “impressionado com o fato de que sabemos muito pouco sobre o ‘inconsciente’” (JUNG, [1946-1955] 2002, p.121) e atribuir a este características incognoscíveis, em **A dinâmica do inconsciente**, no texto *Determinantes psicológicas do comportamento humano*, afirma que “eu defino o inconsciente como a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade de consciência.” (JUNG, [1937]1984 § 270)

Em carta ao *Rev. Morton T.Kelsey*, datada em 03/05/1958, assevera que

o inconsciente é um constituinte da natureza que nossa razão não consegue entender. Só consegue esboçar modelos de uma compreensão possível e parcial. O resultado é muito imperfeito, mesmo que nos orgulhemos de ter “penetrado” os mais íntimos segredos da natureza (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 150).

Neste sentido, de acordo com Jung, na já citada carta *To Harold Lloyd Long*, por ser o inconsciente algo desconhecido, “[...] podemos dizer tudo o que queremos. Mas nenhuma de nossas afirmações será necessariamente verdadeira.

[...] Admito que o inconsciente seja uma charada para qualquer um que se ponha a refletir sobre ele”. (idem, p. 175)

Desta forma, se Jung afirma que *qualquer um* pode refletir sobre esta *charada*, parece ser razoável que ele mesmo tenha sua própria *reflexão* daquilo que entende por inconsciente.

Assim sendo, em uma carta a um *Destinatário não identificado*, de 05/02/1934, afirma que “o inconsciente não é de forma alguma, como aparece na concepção de Freud, um saco vazio em si, onde são reunidos os restos da consciência, mas é toda a outra metade da psique viva.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 157)

No texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, Jung afirma que

a princípio o conceito de inconsciente limitava-se a designar o estado dos conteúdos reprimidos ou esquecidos. O inconsciente, em Freud, apesar de já aparecer – pelo menos metaforicamente – como sujeito atuante, nada mais é do que o espaço de concentração desses conteúdos esquecidos e recalcados, adquirindo um significado prático graças a eles. Assim sendo, segundo Freud, o inconsciente é de natureza exclusivamente pessoal, muito embora ele tenha chegado a discernir as formas de pensamento arcaico-mitológicas do inconsciente. (JUNG, [1934/1954] 2000b § 2)³⁶

Ainda em relação a Freud e Jung, no que se refere à concepção de inconsciente, no resumo do texto de uma conferência de 1932, denominado *A hipótese do inconsciente coletivo*, que se encontra no livro **Vida simbólica II** – volume XVIII/2 de suas *Obras completas* –, Jung diz que “enquanto para Freud o inconsciente é uma função da consciência, eu o considero como uma função psíquica independente, anterior e oposta à consciência” (JUNG, [1932] 2000a § 1224).

Outrossim, se, para Jung, no texto *Consciência, inconsciente e individuação*, também do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, “o inconsciente é vida” (JUNG, [1939] 2000b § 521), as conseqüências e qualidades deste aspecto *vivo* sugerem, justamente, apontar uma direção para o que seria a sua concepção do inconsciente.

³⁶Apesar de Jung ter feito uma revisão deste texto em 1954, não apontou que Freud “modificou seu ponto de vista fundamental aqui indicado em trabalhos posteriores: a psique instintiva foi por ele designada como ‘id’ e o ‘superego’ corresponde ao consciente coletivo, em parte consciente e em parte inconsciente (reprimido) pelo indivíduo.” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 2, nota 2)

Neste sentido, observamos, no mesmo texto, que o inconsciente possui de tal sorte uma “autonomia” (idem, § 497) em relação à consciência, que esta “sucumbe facilmente às influências inconscientes [que se tornam] [...] muitas vezes mais verdadeiras e lúcidas do que o pensar consciente” (idem, § 504). Por conseguinte, é “impossível descartar a hipótese da atividade espontânea do inconsciente” (idem).

Além desta autonomia, o inconsciente teria também uma espécie de *sabedoria* que deveria ser sempre levada em consideração. Em carta ao *Conde Hermann Keyserling*, datada em 23/04/1931, Jung orienta que este, assolado por “conteúdos [inconscientes] que o perturbam constantemente” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 99), deveria procurar atentar a estes conteúdos surgidos e “deixar ao comando do inconsciente. O senhor deve estar sempre convencido de que possui o conhecimento posterior e nada mais – neste caso é realmente o inconsciente que sabe melhor.” (idem, p. 100) Desta maneira, deve-se ater constantemente a esta *sabedoria* do inconsciente que se manifesta através de formas distintas; afinal, ele também é “criativo” – como acena Jung em carta a *Wilhelm Laiblin*, em 16/04/1936 (idem, p. 226).

De mais a mais, ainda no texto *Consciência, inconsciente e individuação*, Jung reconhece que “há uma série de observações que quase sugerem a possibilidade de uma consciência no inconsciente, como por exemplo certos sonhos, visões e experiências místicas” (JUNG, [1939] 2000b § 506).

Todavia, ainda em suas palavras, afirma que não vê

qualquer mérito em especular sobre coisas que não podemos saber. Abstenho-me portanto de fazer afirmações que ultrapassem os limites da ciência. Nunca pude descobrir algo assim como uma personalidade no inconsciente, comparável ao nosso eu. Embora um “segundo eu” não possa ser encontrado (exceto em raros casos de dupla personalidade), as manifestações do inconsciente denotam pelo menos *vestígios de personalidades*. (idem, § 507)

No mesmo texto, mais adiante, Jung também aponta que, apesar das “manifestações inconscientes” terem, em geral, os aspectos “caótico e irracional”, o inconsciente tem “certos sintomas de inteligência e propósito” (idem, § 509).

Na concepção de Jung, além de uma meta, no inconsciente encontraríamos também uma dupla capacidade não só de prognosticação, como também de estabelecer raízes no passado, pois, para este autor, o inconsciente

é uma *realidade in potentia*: o pensamento que pensaremos, a ação que realizaremos e mesmo o destino de que amanhã nos lamentaremos já estão inconscientes no hoje [...] por um lado seus conteúdos apontam para trás, em direção a um mundo do instinto pré-consciente e pré-histórico; por outro, antecipa potencialmente um futuro, devido a uma prontidão instintiva dos fatores determinantes do destino. (idem, § 498)

Continuando ainda no mesmo texto, para Jung, o ser humano

contém inconscientemente como um dado apriorístico toda a estrutura psíquica desenvolvida pouco a pouco em um sentido ascendente ou descendente através de sua ancestralidade. Este fato confere ao inconsciente o aspecto “histórico” característico, ao mesmo tempo que [sic] constitui a *conditio sine qua non* de uma determinada configuração do futuro. Por este motivo muitas vezes é difícil decidir se a manifestação autônoma do inconsciente deve ser interpretada como *efeito* (portanto histórica) ou como *finalidade* (portanto teleológica e de antecipação) (idem, § 499)

Em outra passagem, ainda no mesmo texto, Jung aponta também a perspectiva *compensatória* do inconsciente em relação à consciência. De acordo com ele,

se o indivíduo ou grupo social se desvia demasiado do fundamento instintivo, vivenciará todo o impacto das forças inconscientes. A colaboração do inconsciente é sábia e orientada para a meta, e mesmo quando se comporta em oposição à consciência, sua expressão é sempre compensatória de modo inteligente, como se estivesse tentando recuperar o equilíbrio perdido. (idem, § 505)

Da mesma forma, podemos observar na carta a *Udo Rukser*, datada em 06/09/1947, a concepção junguiana de que o inconsciente estabeleceria uma função compensatória, que leva Jung a escrever: “uma orientação unilateral da consciência sempre leva a uma contra-reação [do inconsciente]” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 82)

Em uma carta a um *Destinatário não identificado*, datada em 20/05/1957, Jung aponta para semelhante linha de raciocínio:

sempre que e onde quer que o senhor se volte de certa forma para o inconsciente, ele raras vezes ou nunca responde com aquilo que se espera, mas é como se a própria natureza respondesse. Sua resposta não se refere necessariamente àquele aspecto da realidade que o senhor tem em vista, mas ela reage sobre a pessoa toda e revela aquilo que a pessoa toda deveria saber; em outras palavras, é a compensação para um conhecimento que falta à consciência.(JUNG, [1956-1961] 2003a, p.79)

Também, em carta ao *Eng. Robert Dietrich*, datada em 27/03/1957, Jung aponta que “conteúdos compensadores brotam do inconsciente devido ao fato de terem poder curativo e serem necessários à consciência”. (idem, p. 73)

No texto *Psicologia do inconsciente*, Jung diz que “a psique é um sistema de auto-regulação” (JUNG, [1917/1943] 1978 § 92). Assim sendo, este aspecto compensatório do inconsciente ocorreria devido ao fato de que, para Jung, a psique seria um fenômeno energético, em que se poderia observar processos constantes de auto-regulação ou compensação, que resultariam num equilíbrio energético deste sistema. Os conteúdos e as tendências que surgem do inconsciente compensariam qualquer atitude unilateral exacerbada da consciência, através da ênfase em atitudes opostas.

No texto *Da essência dos sonhos*, do livro **A dinâmica do inconsciente**, Jung afirma que “a compensação [...] é, como o próprio termo está dizendo, uma confrontação e uma comparação entre diferentes dados ou diferentes pontos de vista, da qual resulta um *equilíbrio* ou uma *retificação*.” (JUNG, [1945/1948] 1984 § 545)

Segundo Pieri, em seu **Dicionário junguiano**, “para Jung, com efeito, a compensação torna-se o modelo em base ao qual o domínio consciente e diurno do homem é continuamente corrigido pelo domínio inconsciente e noturno” (PIERI, [1998] 2002, p. 249).

De mais a mais, Jung diz que considera o inconsciente “como uma função psíquica independente, anterior e oposta à consciência” (JUNG, [1932] 2000a § 1224). Para ele, os “fenômenos ditos inconscientes têm tão pouca relação com o eu, que muitas vezes se hesita em negar a sua própria existência.” (JUNG, [1939] 2000b § 490).

Para Jung, tanto a consciência quanto o eu seriam pós-existentes ao inconsciente mas já existiriam “*in potentia*” (idem, 503). Segundo Pieri, na concepção junguiana, “a consciência é como que um apêndice do inconsciente, em si essencial apenas na tarefa de reconhecê-lo como elemento do qual toma origem” (PIERI, [1998] 2002, p. 245)

Neste sentido, nas próprias palavras de Jung,

nossa consciência desenvolveu-se [...] a partir da escuridão ou estado crepuscular da inconsciência originária. Havia funções e processos psíquicos bem antes de existir uma consciência do eu. [...] [e] o inconsciente [seria] a mãe da consciência (JUNG, [1939] 2000b §§ 500-501).

De acordo com Jung, a posição da psique inconsciente continua sendo de autonomia, mesmo com o surgimento posterior de uma consciência. Para ele, mesmo sendo a consciência derivada de uma psique inconsciente, que é

mais antiga do que a primeira, [esta] continua a funcionar juntamente com a consciência ou apesar dela. Embora haja muitos casos em que conteúdos conscientes se tornam de novo inconscientes (por ex., através da repressão), o inconsciente como um todo está longe de representar um resto de consciência. (idem, § 502)

Neste sentido, de acordo com a concepção junguiana, o inconsciente também contém aspectos que ultrapassam a consciência. Segundo Jung,

se o inconsciente fosse constituído realmente apenas de conteúdos casualmente privados de consciência, não se distinguindo em outros aspectos do material consciente, poderíamos identificar de modo aproximado o eu com a totalidade da psique. Na realidade porém a situação não é assim tão simples. [...] o inconsciente apresenta conteúdos completamente diversos da consciência, tão estranhos que ninguém os pode compreender (idem, § 493)

Desta forma, o *lugar* do eu seria apenas o de ser o centro da consciência que, por sua vez, faria parte de um *todo psíquico maior*, cujo centro, certamente, não seria o eu (idem, § 503) mas sim, o si-mesmo – o *centro* e o *todo* da esfera psíquica que engloba a consciência e o inconsciente³⁷.

Para Jung, seria

insustentável supor um eu que expressasse a totalidade psíquica. Pelo contrário, tornou-se evidente que o todo deve necessariamente incluir tanto o campo imprevisível dos acontecimentos inconscientes, como a consciência, o eu só podendo ser o centro da consciência. (idem, § 491).

Consoante esta perspectiva de uma “inconsciência originária” (idem, § 500) e deste *todo psíquico maior* pré-existent, encontramos, por conseguinte, a idéia de *inconsciente coletivo*³⁸ proposta por Jung.

3.3. O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo

³⁷Ver-se-á, em outro capítulo, sobre o *si-mesmo*.

³⁸No capítulo anterior pudemos observar que Jung não contempla a psique como uma *tabula rasa* (JUNG, [1957] 2000a §1271) (JUNG, [1936/1954] 2000b § 136) já que o inconsciente coletivo “consiste de formas preexistentes, arquétipos” (JUNG, [1936] 2000b § 90).

Acreditamos que, antes de nos aprofundar naquilo que Jung entende por inconsciente coletivo, seria interessante tentar depreender aquilo que ele compreende por inconsciente pessoal.

3.3.1.

O inconsciente pessoal

Na concepção junguiana, o inconsciente pessoal estaria relacionado às camadas mais superficiais do inconsciente, cuja relação com a consciência estaria demarcada com limites pouco precisos. Além disso, como o próprio nome aponta, estaria relacionado a questões e conteúdos individuais.

Em seu livro **A dinâmica do inconsciente**, volume VIII de suas *Obras completas*, no texto *A estrutura da alma*, Jung afirma que o inconsciente pessoal

se compõe, primeiramente, daqueles conteúdos que se tornaram inconscientes, seja porque perderam sua intensidade e, por isso, caíram no esquecimento, seja porque a consciência se retirou deles (é a chamada repressão) e, depois, daqueles conteúdos, alguns dos quais percepções sensoriais, que nunca atingiram a consciência, por causa de sua fraquíssima intensidade, embora tenham penetrado de algum modo na consciência (JUNG, [1927/1931] 1984 § 321)

De forma análoga, no texto *Psicologia do inconsciente* do livro **Estudos sobre psicologia analítica**, volume VII de suas *Obras completas*, Jung diz que a camada individual do inconsciente conteria as

lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassam o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência (JUNG, [1917/1943]1978 § 103)

A partir destas passagens de Jung, entendemos que, apesar deste autor tentar apontar, como se viu anteriormente, suas dessemelhanças com Freud em relação à concepção de inconsciente, o que se pode depreender é que a concepção de inconsciente pessoal de Jung guarda semelhanças com a concepção de inconsciente de Freud.

Neste sentido, podemos observar no texto de Freud *O inconsciente* (FREUD, [1915] 1976c pp. 183-245) – volume XIV da **Edição standard brasileira das obras completas** –, que, para este autor, o *inconsciente* seria o *locus* onde estariam elementos instintivos, que nunca foram conscientes e que seriam inacessíveis à consciência. Mais que isso, haveria também certos conteúdos que foram excluídos da consciência, censurados ou reprimidos. Estes conteúdos não foram esquecidos ou perdidos, mas não teriam *permissão* para serem lembrados.

Quanto àquilo que Freud chama de *pré-consciente*, seria também uma porção do inconsciente que com certa facilidade poderia se tornar consciente. Uma espécie de memória que, quando a consciência desempenhasse seu papel, tornar-se-ia acessível.

A aproximação entre Freud e Jung se deu quando Jung começou seus estudos sobre o inconsciente na *Clínica Bughölzli* – um hospital psiquiátrico em Zurique –, com o chamado *teste de associação de palavras*. O teste foi “inventado por Galton, modificado por Wundt” (SAMUELS, [1986] 1988, p. 212), posteriormente ampliado e modificado por Aschaffenburg e Kraepelin e, mais tarde, por Ziehan. (idem)

Jung também trabalhou e aperfeiçoou este teste que tinha como referencial teórico o *associacionismo* – uma concepção em voga no final do século XIX, que advogava que os processos mentais se articulariam por associação de idéias. Entedia-se que, com a compreensão destas associações, seria possível encontrar respostas terapêuticas para transtornos mentais.

O teste, sucintamente, consistia em dizer uma série de *palavras-estímulo* ao paciente, que deveria responder a primeira *palavra-resposta* que lhe viesse à mente. O aplicador tinha o controle do tempo, da forma, do silêncio, do conteúdo das respostas e também das mais diversas reações físicas – a alteração destas manifestações seria um indicador da existência de um *complexo* sobre o qual o testando, por sua vez, não tinha controle. Como auxiliares do teste, Jung se valia de cronômetro, pneumógrafo, amperímetro e galvanômetro. Controlava, assim, o tempo de resposta, o volume de gás carbônico expirado, ritmo respiratório, variação da corrente elétrica que passava pelo corpo e a sudorese.

Historicamente, este teste é interessante devido ao fato de apontar, experimentalmente, para a existência de complexos que estavam numa instância inconsciente.

Jung começou a estudar aquilo que chamou, no texto *A psicologia da demência praecox: um ensaio* – em **Psicogênese das doenças mentais**, volume III de suas *Obras completas* –, de “complexos de tonalidade afetiva”. (JUNG, [1907]1999b § 77)³⁹. Na época, era inevitável que Jung tivesse Freud como uma referência. Em seu prefácio a este texto, datado em julho de 1906, afirma: “um exame superficial das páginas de meu trabalho mostra o quanto devo às geniais concepções de Freud”. (idem, p. XIII)

Todavia, mais adiante no mesmo prefácio, já ressaltava que isso não quer dizer que atribua

ao trauma sexual da juventude uma significação exclusiva, como Freud parece fazer; muito menos que eu coloque a sexualidade em primeiro plano, acima de tudo, ou lhe confira universidade psicológica que, como parece, é postulada por Freud, pela impressão do papel poderoso que a sexualidade desempenha na psique. A terapia freudiana consiste, no melhor dos casos, em uma das várias possibilidades e talvez nem sempre ofereça aquilo que teoricamente dela se pressupõe. Mas essas concepções são secundárias, desaparecendo por completo ante a descoberta dos princípios psicológicos que é o maior mérito de Freud [...]. (idem, p. XIV).

Mais de cinquenta anos depois, em seu livro **Memórias, sonhos e reflexões**, Jung afirma que se encontrou pessoalmente com Freud em fevereiro de 1907, ou seja, depois deste texto ser escrito – o que sugere que Jung já tivesse suas próprias idéias. Neste mesmo livro afirma que,

no que concerne ao conteúdo do recalque eu não concordava com Freud. Como causa do recalque, ele apontava o trauma sexual, e eu achava isso insatisfatório. Através do trabalho prático, conhecera numerosos casos em que a sexualidade desempenhara papel secundário, enquanto outros fatores ocupavam o lugar principal. [...] continuei a defender Freud e suas idéias. A única diferença era que, apoiado em minhas próprias experiências, não podia concordar que todas as neuroses fossem causadas por recalques ou traumas sexuais. (JUNG [1961] 1996, p. 134-135)⁴⁰

De acordo com Samuels et al.,

³⁹Boechat observa que o termo *complexo de tonalidade afetiva* foi proposto por Ziehen (BOECHAT, 2004, p. 77).

⁴⁰Em uma entrevista ao repórter John Freeman, para um programa – *Face to face* – da BBC que foi ao ar em outubro de 1959, Jung afirma que, em relação a Freud, “desde o início eu tinha uma certa *reservatio mentalis*. Eu não podia concordar com um bom número de idéias dele.” Esta entrevista pode ser encontrada no livro *C.J.Jung: Entrevistas e Encontros* (McGUIRE e HULL, 1982).

Por toda a obra sobre o teste de associação de palavras, Jung considerou Freud uma autoridade. O próprio Freud acompanhava⁴¹ com interesse a pesquisa sobre associações e usava termos tais como cadeia, fio, série ou linha de associação para descrever os caminhos da chamada “associação livre”. Jung percebia que suas próprias pesquisas sobre os complexos e indicadores de complexos confirmavam a existência de grupos de conteúdos inconscientes reprimidos e davam base empírica às descobertas, por Freud, de reminiscências traumáticas. (SAMUELS, [1986] 1988, p. 213)⁴²

Segundo Boechat, Jung partiu

de um de *um método que pertence essencialmente ao campo da psicologia experimental*, o teste da associação de palavras, para detectar os complexos inconscientes, tijolo fundamental de seu construto teórico, a psicologia analítica. Esta a razão de Toni Wolff, colaboradora de Jung, ter nomeado o seu método de *Psicologia Complexa*, isto é, *a psicologia dos complexos*, nome usado nos primeiros anos e depois substituído por *Psicologia Analítica*. (BOECHAT, 2004, p. 80)

Todavia, numa direção distinta, Nise da Silveira assevera que

a psicologia jungueana [sic] é, as vezes, designada pelo nome de Psicologia Complexa. Não se pense que haja [sic] aí alusão aos complexos, que tal denominação possa significar que se trate de uma psicologia dos complexos. Essa expressão pretende indicar orientação psicológica que se ocupa dos fenômenos psíquicos vistos na complexidade, ao contrário de outras correntes que visam reduzir o mais possível os fenômenos complexos e seus elementos. A denominação, proposta pela colaboradora de Jung, Toni Wolf, não se difundiu (SILVEIRA, [1981] 1984, p. 39)

Independentemente da origem da denominação *Psicologia Complexa*, o que podemos depreender deste momento inicial da vida acadêmica de Jung é que, para se falar em sua concepção de inconsciente pessoal, temos que, inevitavelmente, levar em conta suas descobertas e construções teóricas acerca dos complexos⁴³.

Neste sentido, Jung, em uma conferência de Eranos proferida em 1934, mas revista em 1954, estabeleceu uma das diferenciações do inconsciente pessoal e do

⁴¹Ambos se corresponderam entre 1906 e 1913. Todavia, só se encontraram pessoalmente em fevereiro de 1907.

⁴²Apesar de Freud ter obtido uma base empírica para sua teoria, escreveu seu *texto A história do movimento psicanalítico* – volume XIV da ESB – reconhecendo o trabalho de Jung, mas, aparentemente, ainda influenciado com o recente cisma entre ambos: “Há uma [...] contribuição feita pela Escola suíça, a ser talvez atribuída totalmente a Jung, à qual eu não dou tanto valor quanto outros, menos ligados a esses assuntos do que eu. Refiro-me a teoria dos ‘complexos’ [...]. Nem ela em si mesma produziu uma teoria psicológica, nem mostrou-se capaz de fácil incorporação ao contexto da teoria psicanalítica. O termo ‘complexo’, por outro lado, foi naturalizado, por assim dizer, pela linguagem psicanalítica; é um termo conveniente e muitas vezes indispensável para resumir um estado psicológico de maneira descritiva.” (FREUD, [1914] 1976d, p. 41)

⁴³Todavia, posteriormente, como veremos mais adiante, o interesse de Jung pelos complexos o levou às pesquisas sobre os arquétipos.

inconsciente coletivo. Suas palavras ficaram registradas no texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*: segundo ele, “os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 4). Sobre os *complexos*, no texto *Considerações gerais sobre a teoria dos complexos*, no livro **A dinâmica do inconsciente**, Jung escreve:

O que é portanto, cientificamente falando, um “complexo afetivo”? É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de *autonomia*, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da esfera do inconsciente, como um *corpus alienum* [corpo estranho], animado de vida própria. Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral, reprimir o complexo, mas é impossível negar suas existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original. (JUNG, [1934] 1984 § 201)

Jung entende que a maior parte dos conteúdos do inconsciente pessoal seria constituída de complexos desta natureza, mas que estariam de alguma maneira vinculados a uma dinâmica arquetípica. Nos textos *A importância do pai no destino do indivíduo* (JUNG, [1909/1949] 1989 §§ 738 e 743), do volume IV de suas *Obras completas – Freud e a psicanálise*, e *Aspectos psicológicos do arquétipo materno* (JUNG, [1938/1954] 2000b § 161), aponta para esta vinculação.

No *Prefácio ao livro de Jacobi: “Komplex, Archetypus, Symbol in der Psychologie C.G. Jungs” – Vida simbólica II*, é explícito ao afirmar que

a experiência foi mostrando que os complexos não são variáveis infinitamente, mas pertencem em geral a certas categorias que foram recebendo suas denominações [...] por exemplo, complexo de inferioridade, de poder, de pai, de mãe [...]. O simples fato de haver tipos de complexos bem caracterizados e facilmente reconhecíveis indica que eles residem em fundamentos igualmente típicos, isto é, em disposições emocionais, ou *instintos*. Estes se manifestam nos pessoas como imagens da fantasia, atitudes e ações irrefletidas e involuntárias que estão, por um lado, em conexão íntima entre si e, por outro, são idênticos às reações instintivas próprias da espécie *homo sapiens*. Os instintos têm um aspecto dinâmico e um aspecto formal. Este se expressa, entre outras coisas, através de imagens de fantasia que podem ser encontradas em todos os tempos e lugares numa semelhança impressionante, como era de se esperar. [...] Escolhi [...] o termo *arquétipo* para o aspecto formal do instinto. A Dra. Jacobi assumiu a tarefa de expor a importante conexão entre o complexo individual e o arquétipo-instinto universal (JUNG, [1957] 2000a §§ 1257-1258).

Nise da Silveira (SILVEIRA, [1981] 1984, p. 38-39), Walter Boechat (BOECHAT, 2004, pp. 56, 83 e 112) e, evidentemente, Jolande Jacobi (JACOBI, [1957] 1990, p. 33) apontam para esta ampliação da concepção junguiana de complexo, vinculando-a ao arquétipo.

Nas palavras de Nise da Silveira, “não se surpreenda o leitor de encontrar através da obra de Jung definições de complexo que não se superponham exatamente” (SILVEIRA, [1981] 1984, p. 39). Desta forma, o que se pode apreender é que, muitas vezes, a divisão entre inconsciente individual e coletivo se apresenta mais de forma didática; todavia, na prática, encontramos uma linha divisória de grande porosidade.

Quanto a uma perspectiva mais específica de um inconsciente coletivo, Jung aponta que, inicialmente, começou a se deparar com a possibilidade de um inconsciente que extrapolaria uma perspectiva individual, através dos conteúdos psíquicos observados em pacientes esquizofrênicos. Em seu livro **Psicogênese das doenças mentais**, volume III de suas *Obras Completas*, no texto *A Esquizofrenia*, assevera que

a freqüente retomada de formas e imagens arcaicas de associação observadas na esquizofrenia me forneceu, pela primeira vez, a idéia de um inconsciente que não consta apenas de conteúdos originários da consciência que se perderam, mas de uma camada mais profunda, dotada de caráter universal, como são os motivos míticos característicos da fantasia humana. Esses motivos [arquétipos] não são de modo algum *inventados* e sim *descobertos* (JUNG, [1958]1999b § 565)

Assim sendo, talvez uma das contribuições mais singulares de Jung seja a possibilidade de sua concepção de inconsciente extrapolar a esfera da dimensão individual – teríamos uma dimensão psíquica comum a todos os seres humanos. Desta forma, em seu livro **A dinâmica do inconsciente**, no texto *A estrutura da alma*, afirma, didaticamente, que “devemos distinguir, por assim dizer, três níveis psíquicos, a saber: 1) a *consciência*; 2) o *inconsciente pessoal* [...] e 3) o *inconsciente coletivo*” (JUNG, [1927/1931] 1984 § 321)

No texto *Considerações em Torno da Psicologia da Meditação Oriental* do livro **Psicologia da religião ocidental e oriental**, Jung assevera que o inconsciente pessoal é “uma camada superficial que se assenta em uma base de natureza inteiramente diversa. Esta base é o que chamamos de *inconsciente coletivo*” (JUNG, [1943]1983 § 944)

Na distinção do inconsciente entre *pessoal* e *impessoal* ou *suprapessoal*, Jung chama

este último de inconsciente *coletivo*, porque é desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, o que obviamente não é o caso dos conteúdos pessoais. (JUNG, [1917/1943]1978 § 103)

3.3.2.

O inconsciente coletivo

Historicamente, Jung expõe de forma pouco clara como surgiu a possibilidade do *inconsciente coletivo* – o que sugere que ela foi construída aos poucos. Entretanto, somos levados a crer que ela foi elaborada em tandem com a de arquétipo.

Em diversas passagens, Jung se refere às analogias dos delírios e alucinações de um paciente com os rituais de uma extinta religião⁴⁴. Segundo ele, em 1906, teve contato com um paciente esquizofrênico que estabelecia uma curiosa relação entre os movimentos de sua cabeça e o pênis do sol, que, por sua vez, originava o vento.

De acordo ainda com Jung, ele descobriu, anos depois⁴⁵, através de um livro de Albrecht Dieterich – *Eine Mithrasliturgie* (Uma liturgia de Mitra) –, que estas

⁴⁴Jung cita, inicialmente, este exemplo em **Símbolos da transformação**, volume V de suas *Obras completas* (JUNG, [1912/1952] 1986, §§ 151-155 e 223). Encontramo-lo também nos livros **A dinâmica do inconsciente**, volume VIII de suas *Obras completas*, nos textos *A estrutura da alma* (JUNG, [1927/1931] 1984 § 317-319) e *O significado da constituição e da herança para a psicologia* (JUNG, [1929] 1984 § 228), *A vida simbólica*, volume XVIII/1 de suas *Obras completas*, no texto *Fundamentos de psicologia analítica (Tavistock Lectures) na Segunda conferência* (JUNG, [1935]1998 § 85) e **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, volume IX/1 de suas *Obras completas*, no texto *O conceito de inconsciente coletivo* (JUNG, [1936] 2000b § 105). Na já citada entrevista a *Face to face* (1959), Jung relata também esta passagem.

⁴⁵Nos textos em que Jung descreve tal experiência, afirma que o livro de Dieterich – escrito a partir de um papiro grego da *Bibliothèque Nationale de Paris* – foi publicado depois, ou seja, quatro anos após (1910) seu contato com o paciente. Todavia, esta edição a que Jung teve acesso seria uma segunda, já que este livro foi publicado sete anos antes (1903). Evidentemente, este paciente havia sido hospitalizado bem antes disso e seria praticamente impossível que tivesse algum contato com este papiro escrito em grego. Mesmo assim, apesar de Jung saber, posteriormente, desta nova datação – como aponta uma nota que não é de sua autoria nem explícita quando Jung soube desta nova informação, do texto *O conceito de inconsciente coletivo em Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (JUNG, [1936] 2000b § 105 nota 5) –, nunca corrigiu este dado. Em sua entrevista a *Face to Face* (1959), Jung reafirma que o livro de Dieterich havia sido publicado quatro anos mais tarde.

alucinações e delírios tinham contundentes paralelos com a liturgia mitraica. Uma liturgia à qual, certamente, este paciente – internado há anos e de cultura limitada (JUNG, [1912/1952] 1986 § 223) – jamais teria acesso.

Em relação a esta experiência, Jung afirma, em seu livro **Símbolos da transformação**, que

esta observação não ficou isolada: naturalmente não se trata de idéias hereditárias, e sim de uma predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais, da psique, que mais tarde chamei de inconsciente coletivo. Dei a estas estruturas o nome de arquétipos. (JUNG, [1912/1952] 1986 § 224)

Em **Memórias, sonhos e reflexões**, relata que – na ocasião de sua viagem com Freud para os Estados Unidos, em 1909 – teve diversos sonhos, considerados por ele significativos. Assim sendo, nas palavras de Jung,

um deles me pareceu importante, levando pela primeira vez à noção do “inconsciente coletivo”: por esta razão, constitui uma espécie de prelúdio a meu livro *Metamorfoses e Símbolos da Libido* [**Símbolos da Transformação**].

Eis o sonho: eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a “minha” casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas de quadros valiosos. Surpreso de que essa casa fosse minha, pensava: “Nada mau!” De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. Eu passeava pelos quartos, dizendo: “Quero explorar a casa inteira!” Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóbada. Examinando as paredes descobri que entre as pedras comuns de que eram feitas, havia camadas de tijolos e pedaços de tijolo na argamassa. Reconheci que essas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso recoberto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que descí, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos, e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. – Depois acordei. (JUNG, [1961] 1996, p.143)

Para Jung, neste sonho “a casa representava uma espécie de imagem da psique, isto é, da [...] [sua] situação consciente de então, com complementos ainda inconscientes” (idem, p.144). Era uma representação onírica da psique que, de acordo com Jung, teria profundidades distintas e, até então, não presumidas.

A consciência era a sala, e no “andar térreo já começava o inconsciente” (idem), que se aprofundava *pari passu* em que descia até chegar aos aposentos mais subterrâneos da casa. Em cada nível descido entranhava-se cada vez mais em

instâncias profundas da psique – “o mundo do homem primitivo em mim” (idem). De acordo ainda com o relato de Jung, “por causa desse sonho pensei, pela primeira vez, na existência de um a-priori [sic] coletivo da psique pessoal (idem, p.145).

No livro **Vida simbólica II**, volume XVIII/2 de suas *Obras Completas*, no texto *Discurso por ocasião da fundação do Instituto C. G. Jung em Zurique*, Jung afirma que foi por volta de 1912 que descobriu o “*inconsciente coletivo* [sendo que] este termo técnico foi cunhado mais tarde.” (JUNG, [1948] 2000a § 1131).

Todavia, em outro texto deste mesmo livro, *Jung e a fé religiosa*, declara que, em seu livro **Símbolos da transformação** (JUNG, [1912/1952]1986), estava ainda “bem no começo. Foi quando rompi com Freud, em 1912. Encontrava-me em grandes dificuldades interiores, porque não tinha idéia alguma do inconsciente coletivo ou dos arquétipos” (JUNG, [1956/1957] 2000a § 1636).

Independentemente de uma precisão histórica de sua concepção, para Jung, o inconsciente coletivo – uma instância psíquica comum a todos os indivíduos – estaria alheio à geografia, cultura, tempo ou hereditariedade e seus conteúdos não poderiam ser explicados por difusão⁴⁶. Em momentos distintos de seus escritos, podemos encontrar excertos que corroboram estas perspectivas.

No texto *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*, do livro **A dinâmica do inconsciente**, Jung afirma que o inconsciente coletivo “representa uma ‘psique’ idêntica em todos os indivíduos” (JUNG, [1952]1984 § 840).

Numa correspondência ao *Pastor Max Frischknecht*, datada em 08/02/1946, Jung escreve que “só existe um inconsciente coletivo que é idêntico a si mesmo em toda parte, do qual todo o psíquico recebe sua forma antes de ser personalizado, modificado, assimilado etc. por influências externas.” (JUNG, [1946-1955] 2002, p.13).

Inicialmente, Jung estava vendo como possibilidade a existência de um *inconsciente racial*, mas descartou isso logo em seguida.

Na ocasião em que estive nos Estados Unidos, diz que realizou pesquisas

em doentes mentais negros. Pude convencer-me, nesta ocasião, que o conhecido tema do Íxion na roda solar [...] ocorreu no sonho de um negro inculto. Esta e algumas outras experiências semelhantes foram suficientes para orientar-me: não

⁴⁶Apesar de Jung utilizar a expressão *migração* (JUNG, [1940] 2000b § 262) (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 39), achamos mais adequado utilizar o termo antropológico *difusão*. De acordo com este termo, certo conteúdo teve seu início em determinada cultura para, então, ser difundido de diversas maneiras a partir de sua manifestação inicial.

se trata de uma hereditariedade característica de uma determinada raça, mas de uma propriedade humana geral.[...] mais tarde denominei esta predisposição de arquétipo. (JUNG, [1912/1952] 1986 § 154)⁴⁷

Em **Vida simbólica II**, no texto *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Jung afirma que o inconsciente coletivo “é uma disposição psíquica, independente de tempo e raça, para um funcionamento regular. Seus produtos podem ser comparados aos ‘motivos mitológicos’” (JUNG, [1932/1959] 2000a § 1224).

No texto *A psicologia do arquétipo da criança*, do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Jung diz que existem imagens de fantasias e sonhos que

têm, sem dúvida, uma analogia mais próxima com os tipos mitológicos. Presume-se por este motivo que elas correspondem a certos elementos estruturais coletivos (e não pessoais) da alma humana em geral e que são herdadas tais como os elementos morfológicos do corpo humano. Embora a tradição e a expansão mediante a migração de fato existam, há [...] inúmeros casos que não podem ser explicados desse modo, exigindo pois a hipótese de uma revivescência “autóctone”. (JUNG, [1940] 2000b § 262)

Em correspondência a *Ladis K. Kristof*, de julho de 1956, Jung fala que sua concepção de inconsciente coletivo é observável. O que sustenta esta perspectiva seria aquilo que entende

como idéias míticas [...]. A existência e a [sic] surgimento espontâneo de semelhantes idéias [arquetípicas], independentemente de tradição e migração, permitem concluir que existe uma disposição psíquica universal, isto é, um instinto que causa a formação de idéias típicas. (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 39)

Em **Tipos psicológicos**, volume VI de suas *Obras Completas*, em sua definição de inconsciente, Jung diz que, ao lado de

conteúdos inconscientes pessoais, há outros conteúdos que não provêm das aquisições pessoais, mas da possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral [...]. São as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração históricas. Denomino esses conteúdos de *inconsciente coletivo*. (JUNG,[1921] 1991a § 851)

⁴⁷Neste texto, Jung agradece “a bondosa permissão do Diretor do *Government Hospital* de Washington D.C., *Dr. A. White*” (JUNG, [1912/1952] 1986 § 154 nota 53). Em **Cartas I**, uma nota da carta *To the Psychoanalytic Review*, de novembro de 1913, diz que “William Alanson White, [era] diretor do hospital St. Elizabeth, Whashington, onde Jung realizou em 1912 uma análise com quinze negros.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p.45 nota 1). Apesar de hoje em dia o termo *raça* ser uma conceituação inadequada para algo que se refira à genética, no texto *O significado da constituição e da herança para a psicologia* do livro **A dinâmica do inconsciente**, volume VIII de suas *Obras completas* Jung afirma que investigou “sonhos de negros puros do sul dos Estados Unidos da América do Norte. Nestes sonhos [, diz Jung,] encontrei temas da mitologia grega que dissiparam as dúvidas que eu tinha quanto a saber se eram ou não uma herança racial.” (JUNG, [1929]1984, § 228). É preciso relativizar o uso do conceito de raça, hoje inadequado, mas comum na época em que Jung escrevia.

De acordo com Jung, os casos são “tão numerosos que não podemos deixar de supor a existência de um substrato anímico coletivo. Designei este último por *inconsciente coletivo*” (JUNG, [1940] 2000b § 262).

A idéia de arquétipo, como já apontamos, está tão estreitamente ligada à de inconsciente coletivo que, por vezes, torna-se delicado perceber onde Jung delimita uma linha divisória, quando fala de arquétipo e quando fala de inconsciente coletivo. Todavia, aponta que os arquétipos concorrem para formar o inconsciente coletivo e não são, exclusivamente, o inconsciente coletivo.

Neste sentido, em seu texto *Instinto e inconsciente*, do livro **A dinâmica do inconsciente**, afirma que no inconsciente coletivo são encontradas

também as qualidades que não foram adquiridas individualmente mas [...] herdadas.[...] Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o *inconsciente coletivo*. [Jung o chama de] “coletivo”, porque, ao contrário do inconsciente [pessoal] [...], não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram. O instinto é essencialmente um fenômeno de natureza coletiva, isto é, universal e uniforme, que nada tem a ver com a individualidade do ser humano. Os arquétipos têm esta mesma qualidade em comum com os instintos, isto é, são também fenômenos coletivos. (JUNG, [1919]1984 § 270)

De acordo com Jung, mesmo sendo o inconsciente coletivo um substrato psíquico comum a todos, seria, a princípio, mais difícil provar sua existência em pessoas ditas *normais*. Nestas, as manifestações arquetípicas seriam menos explícitas do que em doentes mentais mais graves, cuja debilidade egóica e dificuldade de simbolizar facilitariam a emergência mais direta de uma expressão arquetípica.

Neste sentido, em seu texto *Fundamentos psicológicos da crença nos espíritos*, ainda no livro **A dinâmica do inconsciente**, Jung assevera que

não é fácil provar, sem mais, a existência de um inconsciente coletivo em um indivíduo normal, mas de tempos em tempos aparecem representações mitológicas em seus sonhos. [Todavia] nos casos de perturbações mentais, e especialmente na esquizofrenia [cuja consciência se apresenta de forma mais fragilizada], em que mais nitidamente se destacam esses conteúdos. É nesses casos em que as imagens mitológicas freqüentemente apresentam uma variedade surpreendente. Os doentes mentais muitas vezes produzem combinações de idéias e símbolos que não se pode atribuir às experiências de sua existência individual, mas unicamente à história do espírito humano. É o pensamento mitológico primitivo que reproduz suas imagens primordiais, e não a reprodução de experiências inconscientes.(JUNG, [1920/1948] 1984 § 589)

Em diversas passagens de sua obra, Jung busca explicitar que suas idéias e conclusões são baseadas em fatos empíricos, que podem ser observados por todos aqueles que se dedicarem, como ele, à fenomenologia do inconsciente. Em relação a sua concepção de inconsciente coletivo, não se posiciona de forma divergente.

Em seu livro **Vida simbólica I**, no texto *Fundamentos de psicologia analítica (Tavistock Lectures)*, de sua *Segunda conferência*, Jung diz que

A idéia do inconsciente coletivo é bastante simples, caso contrário poder-se-ia falar de um milagre. E, em absoluto, não sou do tipo milagreiro. Atenho-me simplesmente à experiência. Se houvesse possibilidade de narrar-lhes as experiências, [...] tirariam as mesmas conclusões (JUNG, [1935]1998 § 85)

Jung, na mesma linha de raciocínio que afirma se basear em experiências, também diz se ater a observações e fatos. Em carta à *Baronesa Tinti*, datada em 10/01/1936, diz que os

conteúdos do inconsciente coletivo [não podem ser baseados em hipótese que se identificam em] artigos de fé, mas a ciência está sempre no papel do humilde pedinte que deve contentar-se com o que vê. Se não fosse assim, seria mero engodo. Esta é a razão por que me limito essencialmente a fatos e observações [...]. (JUNG, 1999a, p. 221)

Em **Vida simbólica II**, no texto *Psicologia e religião*, Jung diz que, “ao que chamei de *inconsciente coletivo*, [trata-se] [...] de *fatos empíricos*” (JUNG, [1944-1957] 2000a § 1536).

Nesta mesma direção de encadeamento de idéias, em **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, no texto *O conceito de inconsciente coletivo*, é mais contundente ao afirmar que, “apesar de me terem acusado freqüentemente de misticismo, devo insistir mais uma vez em que o inconsciente coletivo não é uma questão especulativa nem filosófica, mas sim empírica” (JUNG, [1936] 2000b § 92).

Na já citada correspondência a *Ladis K. Kristof*, de julho de 1956, Jung diz: “o senhor sabe perfeitamente que não sou filósofo, mas empírico. Por isso minha concepção de inconsciente coletivo não é um conceito filosófico, mas empírico.” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 39)

Numa correspondência ao *Dr. Edward Bennet*, em 23/06/1960, Jung afirma que o inconsciente coletivo é uma designação “à totalidade de fatos observáveis, isto é, os arquétipos” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 265). E, como diz na correspondência já citada à *Baronesa Tinti*, estes fatos podem e devem ser

observados pela ciência, “que deve se contentar com o que vê” (JUNG, [1906-1945]1999a, p. 221).

Em carta a *Arnold Künzli* de 04/02/1943, afirma: “eu não ‘postulo’ um inconsciente [coletivo]. Meu conceito é um *nomen* que abrange fatos empíricos, comprováveis a qualquer tempo” (idem, p.334).

Em seu **Dicionário crítico de análise junguiana**, Samuels, Shorter e Plaut afirmam que “o inconsciente coletivo opera independentemente do ego por causa de sua origem na estrutura herdada no cérebro” (SAMUELS, [1986] 1988, p.104-105). Jung, em sua já citada definição de inconsciente em **Tipos psicológicos**, diz que as aquisições não pessoais provêm desta “possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral, ou seja, da estrutura cerebral herdada” (JUNG, [1921]1991a § 851).

Nesta mesma direção de construção de pensamento – ainda no seu texto *Fundamentos psicológicos da crença nos espíritos* –, Jung afirma que os conteúdos coletivos

não foram adquiridos durante a vida do indivíduo; são produtos de formas inatas e dos instintos. Embora a criança não tenha idéias inatas, possui, contudo, um cérebro altamente desenvolvido, com possibilidades de funcionamento bem definidas. Este cérebro é herdado de seus antepassados. É a sedimentação da função psíquica de todos os seus ancestrais. A criança nasce, portanto, com um órgão que está pronto a funcionar pelo menos da mesma maneira como funcionou através da história da humanidade. É no cérebro que foram pré-formados os instintos e todas as imagens primordiais que sempre foram a base do pensamento humano, ou seja, portanto, toda a riqueza dos temas mitológicos. (JUNG, [1920/1948] 1984 § 589)⁴⁸

Com a perspectiva do inconsciente coletivo, Jung aponta também para novas possibilidades da relação *eu-objeto*. O que podemos observar em seu livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, no texto *Sobre Os arquétipos do inconsciente coletivo*:

o inconsciente é considerado geralmente como uma espécie de intimidade pessoal encapsulada [...] Este é o modo como o inconsciente é visto pelo lado consciente. A consciência, porém, parece ser essencialmente uma questão de cérebro, o qual vê tudo, separa e vê isoladamente, inclusive o inconsciente, encarado sempre como *meu* inconsciente. Pensa-se por isso de um modo geral que quem desce ao inconsciente chega a uma atmosfera sufocante de subjetividade egocêntrica. (JUNG [1934/1954] 2000b § 42)

⁴⁸Jung diz que se refere “não às formas existentes do tema, mas à sua estrutura fundamental pré-consciente (e, portanto, não diretamente observável)” (JUNG, [1920/1948] 1984 § 589 nota 6).

Numa ótica distinta, para Jung, o *eu* seria o *objeto* que se relaciona com os *sujeitos* – instâncias intra-psíquicas – presentes no inconsciente coletivo.

Neste sentido, diz mais adiante no mesmo texto, que

o inconsciente coletivo é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo. Eu sou o objeto de todos os sujeitos, numa total inversão de minha consciência habitual, em que sempre sou sujeito que *tem* objetos. (idem § 46)

Filosoficamente, Jung tenta estabelecer analogias, semelhanças e pontes que, em seus construtos, auxiliam no esclarecimento ou da sustentação de sua concepção de inconsciente coletivo. Assim, busca referendar suas idéias sobre o inconsciente coletivo em autores como Hegel e Kant.⁴⁹

Curiosamente, apesar de não reconhecer influências de Hegel em suas idéias e até criticá-lo⁵⁰, Jung diz encontrar pontos de interseção entre a filosofia hegeliana e suas concepções de inconsciente coletivo. Em 27/04/1959, na carta a *Joseph F. Rychlak*, assevera que

o ponto de vista aristotélico nunca exerceu grande influência sobre mim; nem Hegel que, na minha opinião bem incompetente, não é propriamente um filósofo, mas um psicólogo camuflado. [...] No mundo intelectual em que cresci, o pensamento de Hegel não teve importância; pelo contrário, foi Kant e sua epistemologia, por um lado, e um crasso materialismo, por outro que desempenharam algum papel. [...] Se me conheço bem, posso dizer que a dialética de Hegel não exerceu influência sobre mim. [...] Nunca estudei propriamente Hegel, isto é, suas obras originais. Há que se excluir uma dependência direta, mas como já disse, a confissão de Hegel contém (alguns do) conteúdos muito importantes do inconsciente e por isso pode ser chamado de “un psychologue raté”. Naturalmente há uma coincidência notável entre certos pontos da filosofia de Hegel e minhas descobertas sobre o inconsciente coletivo. (JUNG, [1956-1961] 2003a, p. 209-210)

⁴⁹Como podemos observar, a concepção de arquétipo está intimamente ligada à concepção de inconsciente coletivo. Optamos por levantar aqui as possibilidades filosóficas apontadas por Jung, associadas à sua concepção de inconsciente coletivo. Trabalhamos, em outro capítulo, as correspondências filosóficas em relação, especificamente, à concepção de arquétipo.

⁵⁰Em relação a estes dois filósofos e à crítica que faz a Hegel, Jung assevera, no texto *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, do livro **A dinâmica do inconsciente**, volume VIII de suas *Obras completas*, que “a vitória de Hegel sobre Kant significa uma gravíssima ameaça para a razão e o futuro desenvolvimento espiritual sobretudo do povo alemão, sobretudo se levarmos em conta que Hegel era um psicólogo camuflado e projetava as grandes verdades da esfera do sujeito sobre um cosmo por ele próprio criado. [...] Hegel oferece uma solução do problema levantado pela crítica epistemológica que dava às idéias uma chance de provar sua autonomia desconhecida. Essas idéias ocasionaram aquela *Hybris* (orgulho) da razão que conduziu ao super-homem de Nietzsche e, conseqüentemente, à catástrofe que traz o nome de Alemanha. [...] Uma filosofia como a de Hegel é uma auto-revelação de fatores psíquicos situados nas camadas profundas do homem, e, filosoficamente, uma presunção. Psicologicamente, ela equivale a uma irrupção do inconsciente.” (JUNG, [1947/1954] 1984 §358-360). Um pouco sobre a utilização da filosofia kantiana, veremos adiante, no próximo capítulo.

Em carta ao *Dr. Kurt Plachte*, datada em 10/01/1929, Jung diz: “entendo o pensamento ‘perceptível’ de Hegel como pensamento em analogia com os arquétipos” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p.76)

Em relação ao pensamento kantiano, Jung se sente mais identificado e próximo do mesmo não só em relação ao inconsciente coletivo, como também em diversas outras passagens⁵¹.

Em uma carta ao *Dr. A. Vetter*, datada em 08/04/1932, Jung diz que, conceitualmente, seria possível

dizer do inconsciente coletivo o mesmo que Kant disse da coisa em si, isto é, que ele é simplesmente um conceito-limítrofe negativo, o que no entanto não pode impedir-nos de formular sobre isso [...], ou hipótese, como poderia acontecer se se tratasse de um objeto da experiência humana. Mas não sabemos se o inconsciente, ilimitado em si, seja experimentável em parte ou em geral. (JUNG, [1906-1945] 1999a p.107)

Jung, de forma mais concreta e alegórica, no livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, no texto *Estudo empírico do processo de individuação*, compreende o inconsciente coletivo como “uma raiz comum” (JUNG, 2000b § 552).

Em carta a *Hélène Kiener*, de 13/08/1949, compara simbolicamente o inconsciente coletivo “ao céu estrelado – especialmente por Paracelso” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 140). Também neste mesmo sentido, em seu texto *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, em **A dinâmica do inconsciente**, Jung diz que Paracelso “considera a psique como um céu noturno semeado de estrelas cujos planetas e constelações fixas representam os arquétipos em toda a sua luminosidade e numinosidade” (JUNG, [1947/1954]1984 § 392).

Em carta ao *Pastor Max Frischknecht*, datada em 08/02/1946, afirma, igualmente numa perspectiva mais alegórica, que o inconsciente coletivo “é como o ar que é sempre o mesmo em toda a parte, que é respirado por todos e a ninguém pertence” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 13).

Jung, por vezes, também estabelece analogias em relação ao corpo humano além da possibilidade de o inconsciente coletivo, como se viu, ter uma origem na estrutura herdada no cérebro.

⁵¹Ilustrativamente, citamos: (JUNG, [1936/1954] 2000b § 136 nota 26) (JUNG, [1944] 1991b § 247) (JUNG, [1929/1957] 2003b § 82) (JUNG, [1938/1954] 2000b § 160) (JUNG, [1916/1948] 1984 § 454) (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 364).

No já citado texto *Consciência, inconsciente e individuação*, do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Jung designa o inconsciente coletivo como um “substrato filogenético” (JUNG, [1939] 2000b § 518). Mais adiante, no mesmo parágrafo, prossegue afirmando que,

tal como o corpo representa uma espécie de museu de sua história filogenética, com o psíquico dá-se o mesmo. Não temos razão alguma para supor que a estrutura peculiar da psique seja a única coisa no mundo que não tem qualquer história além de suas manifestações individuais [...] A psique inconsciente no entanto é, não apenas infinitamente velha, mas tem igualmente a possibilidade de evoluir rumo a um futuro igualmente remoto. Ela forma a *species humana* e constitui um componente da mesma, assim como o corpo que é efêmero individualmente, mas de idade incomensurável, coletivamente. (idem)

Em **Estudos alquímicos**, no texto *Comentário a “O segredo da flor de ouro”*, Jung estabelece não só analogia, como, ao mesmo tempo, retoma a idéia da estrutura cerebral ligada ao inconsciente coletivo, asseverando:

assim como a anatomia do corpo humano é a mesma, apesar das diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum, que ultrapassa todas as diferenças de cultura e de consciência. A este substrato dei o nome de *inconsciente coletivo* [...].O inconsciente coletivo é a mera expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independentemente das diferenças raciais.(JUNG, [1929/1957] 2003b §11)

No já mencionado texto *Fundamentos de psicologia analítica*, Jung retoma a mesma analogia:

nossa mente inconsciente, bem como nosso corpo, é um depositário de relíquias e memórias do passado [ex.: apêndice e timo]. Um estudo da estrutura do inconsciente coletivo revelaria as mesmas descobertas que se fazem da anatomia comparada. (JUNG, [1935] 1998 § 84).

Segundo Jung, no texto *Psicologia do inconsciente*, em **Estudos sobre psicologia analítica**, um dos sustentáculos da concepção de inconsciente coletivo – que conteria os arquétipos – seria que sua existência oportunizaria a compreensão de temas mitológicos e lendas que se repetem “no mundo inteiro e em formas idênticas, além de explicar por que os nossos doentes mentais podem reproduzir exatamente as mesmas imagens e associações que conhecemos dos textos antigos” (JUNG, [1917/1943] 1978 §101).

De acordo com Jung, no livro **Psicogênese das doenças mentais**, no texto *A psicogênese da esquizofrenia*, também existiriam sonhos que “possuem um caráter coletivo, evocando imagens predominantemente mitológicas, lendárias ou arcaicas em geral. Para explicar este tipo de sonho é necessário considerar o

simbolismo histórico e primitivo” (JUNG, [1939] 1999b § 524), cujo conteúdo seria “altamente impressionante e numinoso” (JUNG, [1957/1959] 1999b § 549) – continua Jung, ainda no mesmo livro, mas no texto *Novas considerações sobre a esquizofrenia*.

Segundo Jung, diante destes

sonhos, visões e idéias delirantes dos homens de hoje [...] seria em vão procurar [...] uma causa pessoal para explicar sua forma e significado arcaicos. Assim, é mais honesto aceitar que se trata de conteúdos que existem de maneira universal no inconsciente, formando uma camada mais profunda, de natureza coletiva (idem §§ 449-550)

Podemos depreender que outras implicações surgem com a possibilidade de existência de um inconsciente coletivo. Uma delas seria a idéia de que, através do inconsciente coletivo, encontraríamos um ponto “onde somos todos iguais” (JUNG, [1935] 1998 § 87), através de “uma condensação de milhões de anos de experiência humana” (JUNG, [1928/1931]1984 § 738), como afirma Jung em seu texto *Psicologia analítica e cosmovisão* de seu livro **A dinâmica do inconsciente**.

Outra implicação é o fato de que nossa sensação de liberdade e consciência individual é altamente abalada. No texto *O significado da constituição e da herança para a psicologia* do mesmo livro, Jung

indica que a consciência individual não é absolutamente isenta de pressupostos. [...] acha-se condicionada em alto grau por fatores herdados [...].É o pressuposto e a matriz de todos os fatos psíquicos e por isso exerce também uma influência que compromete altamente a liberdade da consciência, visto que tende constantemente a recolocar todos os processos conscientes em seus antigos trilhos. (JUNG, [1929] 1984 § 230)

Ainda no mesmo texto, Jung estabelece ligações da Psicologia com aspectos somáticos. Segundo ele, o inconsciente coletivo “constitui um outro ponto em que a psicologia pura se depara com fatores orgânicos, onde ela, com toda probabilidade, tem de reconhecer um fato de natureza não psicológica que se apóia em uma base fisiológica.” (idem, § 231)

Assim, retomando e considerando tudo que foi apontado nos excertos de Jung até então, o que podemos depreender, em relação ao inconsciente coletivo, é que Jung não restringe os acontecimentos psíquicos à consciência (JUNG, [1927/1931] 1984 § 295); ao contrário, para ele a maioria das atividades psíquicas estaria relacionada ao inconsciente e, principalmente, ao inconsciente coletivo, que estaria presente em todos os processos psíquicos.

Por ser *coletivo*, está ligado a uma dinâmica que extrapola, evidentemente, o individual. É constante, imutável e se manifesta de maneira semelhante. Psiquicamente é pré-existente e, sendo assim, podemos verificar suas manifestações em diversas instâncias e articulações historicamente antigas.

A experiência com o inconsciente coletivo, tendo em vista sua íntima ligação com uma dinâmica arquetípica, é impactante, por estar relacionada a uma perspectiva energética psíquica superior ao eu. Desta forma, a percepção desta relação é de uma experiência caracterizada pela *numinosidade*.

Organicamente, além de Jung buscar se referendar com analogias biológicas, aponta que o inconsciente coletivo se manifesta também de forma somática (JUNG, [1927/1931] 1984 §§ 303-311)

Talvez possamos reencontrar em Pieri numa incrível capacidade de síntese, estes aspectos. De acordo com este autor, o inconsciente coletivo – que ele chama de “absoluto”, diferenciando-o daquele que denomina de “relativo”⁵² – teria as seguintes características:

- a) é de tipo *formal*, no sentido de que é inerente à forma dos conteúdos psíquicos e portanto é essencial a eles, tornando-se o fator formativo das representações singulares e tornando possível sua estruturação [...];
- b) é de tipo *impessoal e coletivo*, no sentido de que as suas características formais não são individuais, mas universais, ou em todo caso relativas a um grupo inteiro [...];
- c) é de tipo *uniforme*, no sentido que, jamais diferindo, é mais fundamentalmente *repetível*, ou seja, é quase constante e imutável, assim como se podia dizer uma vez falando de uniformidade das leis da natureza;
- d) é de tipo *congenito*, no sentido de patrimônio psíquico pré-formado [...]; além disso,
- e) é *arcaico-mitológico*, enquanto suas assim chamadas “informações” se verificam na linguagem típica do mito e da psicologia “primitiva”; e, em consequência disso,
- f) [...] *numinoso*, no significado essencial de experiência de uma energia dinâmica que capta e domina a subjetividade [...]. Finalmente,
- g) é *radicado no corpo* e mostra muitas analogias com o corpo [...] (PIERI, [1998] 2002, p.245)

Como se viu anteriormente, dentro da teoria junguiana, a possibilidade de arquétipo “constitui um correlato indispensável da idéia de inconsciente coletivo,

⁵²Pieri chama o inconsciente coletivo de *absoluto* ao remeter ao texto de Jung *A estrutura da alma* em **A dinâmica do inconsciente**, volume VIII de suas *Obras completas* onde diz que denomina “uma espécie de atividade psíquica supra-pessoal, um *inconsciente coletivo*, como o chamei, para distingui-lo de um *inconsciente* superficial, relativo ou *pessoal*” (JUNG, [1927/1931]1984 § 311).

indica[ndo] a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (JUNG, [1936] 2000b § 89).

Além disso, no texto *O simbolismo da mandala*, no mesmo livro, Jung postula como “fundamento dos produtos simbólicos do [inconsciente coletivo] a existência de imagens originárias: os *arquétipos*.” (JUNG, [1950] 2000b § 711)

Jung não considera o inconsciente coletivo “um princípio, mas [...] apenas um nome à totalidade de fatos observáveis, isto é, os arquétipos. [Nada é derivado disso], pois é apenas um *nomen*” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.265)

Mesmo Jung afirmando que os arquétipos advêm do inconsciente coletivo (JUNG, [1935] 1998 § 80), somos levados a depreender que a concepção de um inconsciente coletivo surge como um corolário de sua noção de arquétipo.

Para Jung, o inconsciente coletivo “consiste de formas preexistentes, arquétipos” (JUNG, [1936] 2000b § 90) que “devem sua existência apenas à hereditariedade” (idem, § 88). Nas palavras de Jung,

uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença *de conteúdos capazes de serem conscientizados*. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos.[...] Os conteúdos do inconsciente coletivo [...] são chamados *arquétipos*. (JUNG, [1934/1954] 2000b § 4)

Como visto acima, Jung associa, epistemologicamente, ao inconsciente coletivo termos como *hipótese, conceito, idéia, tese, suposição*, um *nome* para algo observável e que *deve existir* ou que *existe*. Mesmo assim, observamos que aponta para um “método de comprovação” da existência do inconsciente coletivo (JUNG, [1936] 2000b §§ 87 e 100), articulando-o calcado na tentativa de comprovação da existência dos arquétipos (idem, §§ 100-103).

No texto *A psicologia do arquétipo da criança*, Jung propõe um “princípio metodológico” de sua psicologia (JUNG, [1940] 2000b § 265), que trata os

produtos do inconsciente [...]: conteúdos de natureza arquetípica são manifestações de processos no inconsciente coletivo. Não se referem a algo consciente agora ou no passado, mas a algo essencialmente inconsciente. Em última análise é impossível indicar aquilo a que se refere. Toda interpretação estaciona necessariamente no “como se”. O núcleo de significado último pode ser circunscrito, mas não descrito. (idem)

Pelo que podemos depreender, até então, Jung propõe ao *inconsciente coletivo* uma circunscrição praticamente ilimitada. Afinal, se o inconsciente, de

uma maneira geral, *é vida* (JUNG, [1939] 2000b § 521), o inconsciente coletivo, certamente, também está associado a esta perspectiva.

De forma não menos ampla, também foi circunscrito a uma sabedoria (JUNG, [1906-1945] 1999a p.100) inteligência e propósito (JUNG, [1939] 2000b § 509). É portador de uma criatividade (JUNG, [1906-1945] 1999a p.226), de uma espécie de consciência (JUNG, [1939] 2000b § 506) e de uma pré-existência que afeta nossa liberdade (JUNG, [1929] 1984 § 230). Originário no passado e apontando para o futuro (JUNG, [1939] 2000b § 498), é criador de uma compensação curativa à consciência (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 82). Autônomo (JUNG, [1939] 2000b § 497) e independente, é onipresente e universal (JUNG, [1958] 1999b § 565), com ramificações somáticas e psíquicas (JUNG, [1929] 1984 § 231). É o somatório dos arquétipos e dos instintos (JUNG, [1919]1984 § 270), suprapessoal (JUNG, [1917/1943] 1978 § 103), e com ele somos o objeto, e não o sujeito (JUNG, [1934/1954] 2000b § 46). Conceitualmente, mostra que somos todos iguais perante ele (JUNG, [1935] 1998 § 87), que é imutável e apresenta conteúdos numinosos (JUNG, [1957/1959] 1999b § 549). Desconhecido (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.175), é um *nomen* de aspectos demonstráveis (JUNG, [1906-1945]1999a p 334).

Sem dúvida alguma, a concepção de inconsciente coletivo é deveras interessante e fascinante, como uma possível *chave de leitura* para diversos fenômenos históricos, culturais, antropológicos e clínicos.

Todavia, quando nos deparamos com estas circunscrições tão amplas e nestes “como se” da concepção de inconsciente coletivo de Jung, ficamos, novamente dentro do pensamento junguiano, numa seara do intangível, ao buscarmos uma precisão maior.

Em carta ao *Rev. Morton T. Kelsey* datada em 03/05/1958, assevera que a

imperfeição chocante da imagem de Deus precisa ser explicada ou entendida. A analogia mais próxima dela é nossa experiência do inconsciente: é uma psique, cuja natureza só pode ser descrita por paradoxos: é tanto pessoal quanto impessoal, moral e imoral, justa e injusta, ética e não ética, muito inteligente e ao mesmo tempo estúpida, muito forte e muito fraca, etc. [sic] Este é o fundamento psíquico que produz a matéria-prima de nossas estruturas conceituais. O inconsciente é um constituinte da natureza que nossa razão não consegue entender. Só consegue esboçar modelos de uma compreensão possível e parcial. O resultado é muito imperfeito, mesmo que nos orgulhemos de ter “penetrado” os mais íntimos segredos da natureza. (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.150),

Este terreno intangível nos deixa, mais uma vez, nas palavras de Jung, diante de “uma charada [e] qualquer um [pode] refletir sobre ela [inconsciente]”. (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.175). Neste sentido, a impressão que se tem, ao ler os textos de Jung, é que eles apontam para um território hipoteticamente tão amplo, que possivelmente nos perderíamos ao percorrê-lo. Por outro lado, ao mesmo tempo, também sugerem que o mapa epistemológico oferecido por ele para percorrer este território pode ser limitado e, ainda, deixar áreas incógnitas ou pouco sinalizadas.

Observamos, de forma apenas indicativa, que Jung aponta um centro do inconsciente coletivo que denominou de si-mesmo (JUNG, [1944]1991b § 265). Mais que isso, que os conteúdos coletivos inconscientes “[constituíam] *parte do si-mesmo*” (JUNG, [1951] 1990 §43). Assim, mesmo que este autor afirme não saber nada a “respeito da natureza do ‘centro’ [por ele ser] incognoscível” (JUNG, [1944] 1991b §327), entendemos que se deve procurar compreender este si-mesmo, que é, por esse motivo, assunto do próximo capítulo.